



HOMOEROTISMO E PROSTITUIÇÃO MASCULINA EM CONTOS DE GASPARINO DAMATA

Dorinaldo dos Santos Nascimento

Universidade Federal de Sergipe, dori.s.n@hotmail.com

RESUMO: Objetivamos, neste trabalho, problematizar o complexo desejo homoerótico configurado no âmbito das práticas sexuais da prostituição masculina, por meio da análise dos contos “Paraíba” e “Módulo lunar pouco triste”, presentes na obra “Os solteirões” (1975), de Gasparino Damata. Neles, avultam personagens vivenciando interações sexuais de forma clandestina, cujo comportamento divergente choca-se com a conduta social hegemônica. Obrigando-os à ruptura com a “normalidade” social que impõe severos códigos de moralidade. As discussões compiladas neste artigo indicam a possibilidade de a prostituição constituir uma forma de legitimação do desejo homossexual latente, mesmo que inconscientemente, bem como o apontamento de performances de gênero alinhadas a uma heterossexualidade compulsória.

Palavras-chave: Homoerotismo, Prostituição masculina, Gasparino Damata.

INTRODUÇÃO

Em relação à temática do homoerotismo e à constituição do sujeito homossexual há uma acumulação de discursos na literatura brasileira desde as primeiras expressões oitocentistas manifestas em textos naturalistas. Assim, diante da configuração da literatura homoerótica em nosso país, Carbonel (2012, p. 13) ousa asseverar que é possível:

Delinear uma fronteira cronologicamente mapeável que separa duas tendências distintas: a da reprovação explicitada por meio de discursos estigmatizantes e a aceitação progressiva (ainda que não efetiva), que vai se construindo a partir de um programa persuasivo, visível na retrocidade de autores.

Esta última tendência é denominada por Lugarinho (2008) como “literatura de subjetivação” em contraposição à “literatura de representação”. Esta, apresenta personagens homossexuais protagonistas ou secundários representados sob estereótipos (ou não) e que, essencialmente, não trazem questões a respeito da identidade e/ou problematizações do homossexual. Enquanto na primeira, avultam personagens homossexuais que dão corpo a histórias evidenciando suas experiências e sua condição de ser *gay*, expressa seja pelo desejo por outros do mesmo sexo, seja pela discriminação social, dramas familiares, etc., os quais fazem desse tipo de literatura uma forma de superação de estereótipos. Uma



literatura que passar a se impor no cenário das letras nacionais no contexto da década de 70 em consonância aos movimentos de militância por meio de obras que representam densamente as relações homoeróticas de modo explícito, alinhadas a uma escrita calcada sob um viés político, de assunção da condição homossexual a despeito dos valores heteronormativos vigentes.

Nesse momento histórico de discursos afirmativos, é ilustrativo o jornal “O Lampião da Esquina”, símbolo de esforço intelectual do ativismo *gay* na imprensa alternativa brasileira homoerótica no contexto de abrandamento da Ditadura Militar, entre anos 1978 e 1981. Com isso abriu-se um:

[...]lugar efetivo para a intelectualidade homossexual brasileira, permitindo que autores, antes temerosos do estigma, publicassem suas obras em ambiente relativamente isento de restrições ao homoerotismo mais latente” (CARBONEL, 2012, p. 149).

O ousado jornal tinha como colaboradores nomes da literatura brasileira como Gasparino Damata, João Silvério Trevisan, Aguinaldo Silva, Darcy Penteado. Destacamos dentre esses autores, que são referências para os estudos da literatura *gay*, o de Gasparino Damata, jornalista, escritor e ex-marineiro. Pernambucano, nascido em Catende (1918), publicou livros como “A sombra do mar” (1955), “Antologia da Lapa” (1965), e “Os solteirões” (1975). Juntamente

com a edição de duas antologias de textos homoeróticos “Histórias de amor maldito” (1967) e “Poemas de amor maldito” (1969). No que tange à compilação de contos “Os solteirões”, publicado pela editora Pallas, pode-se vislumbrar que nela o autor:

[...]reflete acerca das performances masculinas dos desejos e terror vivenciados por homens, ressaltando, sobretudo, aqueles que, em sua performatividade, são marginalizados, por utilizar o prazer proporcionado pela relação com outros homens como moeda de troca para adquirir recursos materiais e financeiros” (SILVEIRA, 2011, p. 17).

Nessa perspectiva, Carbonel (2013) faz a descrição de uma situação ficcional recorrente em diversos textos literários em que a circunstância de envolvimento homoerótico ocorre num quadro narrativo, cujo enredo envolve um rapaz ou homem mais adulto impelido à prostituição por necessidades econômicas e se entrega sexualmente a outro homem por dinheiro. O autor ilustra o caso com a obra “O Barão de Lavos”, de Abel Botelho (1891), bem como afirma ser “instigante” a presença de interações sexuais entre personagens masculinos que intercambiam prazer e dinheiro, entre sujeitos que pagam por sexo e os que se vendem oferecendo seus corpos em diversas narrativas brasileiras.

1 A prostituição masculina: marginálias sexuais



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

No perímetro da prostituição homossexual, Perlongher (1987), em estudo pioneiro, cunhou a noção de “prostituição viril” com o propósito de diferenciar os vários sujeitos que se prostituem: travestis, homossexuais afeminados (michê-bicha) e o michê-gay (na visão do autor, meados dos anos oitenta do século passado, dada sua presença incipiente no cenário homoerótico, um personagem em emergência cujo perfil combina assumir sua sexualidade sem afeminação). Advindo dessa categorização um *continuum*, cuja gradação vai desde a máxima “feminilidade” possível do travesti até masculinidade prototípica do michê. Assim, nesse universo da “michetagem” abordada pela perspectiva antropológica, o autor aponta duas categorias de michês: “os prostitutas”, homens que assumem discursivamente a heterossexualidade praticando atos sexuais com outros homens, apenas pelo dinheiro (michê-macho), e os “homossexuais” que, além do dinheiro buscam também o prazer (michê-bicha e michê-gay).

O termo michê, de raiz etimológica obscura, baseando-se em dicionário de gírias francesas, encontra-se relacionado ao domínio lexical dos vocábulos *michette* (seio), *miches* (nádegas), *michê* (doença venérea), *michet* (o que paga o amor) e *michetonner* (pagar o amor). O pesquisador menciona que o termo

possui duas acepções: a primeira é uma referência ao próprio ato da prostituição, vinculada à expressão “fazer michê”. A segunda denomina:

[...]uma espécie *sui generis* de cultores da prostituição: varões geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente” (PERLONGHER, 1987, p. 17).

Nesse contexto, define-se contrato de locação aquele em uma das partes (locador) se obriga a ceder à outra (locatário), por um determinado tempo, o uso e gozo de coisas não fungíveis, mediante retribuição. Podemos transpor esse conceito para o universo das práticas sexuais configuradas pelo/no mercado da prostituição masculina envolvendo trocas econômico-sexuais. Desse modo, em analogia ao contrato de locação, a comercialização do sexo calcado na perspectiva da prestação de serviços ocorre mediante negociação, numa espécie de contrato informal entre o locador, sujeito que se prostitui, oferta seu corpo, objeto de consumo, para aluguel temporário ao outro (cliente) que efetiva o pagamento pelo uso do corpo, satisfação de fantasias e desejos sexuais.

É uma transação que buscar satisfazer pela obtenção do dinheiro, ao prostituto, e o sexo, pelo cliente. Uma relação que pode envolver ou não, desejo mútuo. O valor



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

monetário oscila em vista de variáveis: local de negociação, tempo de duração, o conteúdo do ato sexual, a aparência de status do cliente, o tamanho do pênis etc.:

O que é mostrado para aluguel e o que é pago não é simplesmente um corpo qualquer, mas um corpo marcado por insígnias que, convencionalmente, sinalizam a masculinidade: dorsos produzidos em academias de ginásticas remontando aos tipos gregos de outrora; posturas corporais típicas; gestos que retratam modos de ser supostamente viris, copiados de trabalhadores da construção civil, estivadores, militares, caminhoneiros, entre outros (FARIAS, 2013, p. 347).

Esse desejo por homens ultramasculos, viris, representativos do estereótipo de macho ideal choca-se com a heterossexualidade compulsória imposta a si mesmo pelos prostitutos, numa espécie de cilada da masculinidade (BOURDIEU, 2014), que apontam categoricamente para a negação da homossexualidade, apesar de manterem relações sexuais com outros homens, inclusive, a despeito de parte deles revelarem sentir prazer com isso.

Há também na dinâmica relacional uma assimetria de poder de ordem econômica entre os prostitutos, em sua maioria desprivilegiados socialmente, e os clientes, de classes sociais mais favorecidas. Nesse relacionamento marcado pela disparidade há manifestações de uma face criminosa e delinquencial, cujas práticas de roubos, extorsões, por exemplo, subjaz um

“pensamento de que aquele que não dispõe de bens deve retirá-los de quem os possui, pelos mais diversos métodos (FARIAS, 2013, p. 349), inclusive, os mais desprezíveis. Estes como “estratégias de sobrevivência” que legitimariam a prostituição como mecanismo de compensação das disparidades sociais. Os prostitutos elaboram uma interpretação social de sua atividade por meio da qual sentem-se à vontade para “explorar”, “tirar vantagem” ou “aproveitam-se” da ‘carência’ dos clientes mais idosos que têm bastante dificuldade em conquistarem um parceiro não remunerado:

O michê considera-se como agente de uma expiação: o homossexual deve pagar sua culpa, já pelo fato de ser “burguês”, como por estar insinuando uma subversão dos valores sexuais da ordem tradicional, que estes michês, ainda “desterritorializados”, se obstinam paradoxalmente por representar, como correlato discursivo da sua exacerbação gestual machista (PERLONGHER, 1987, p. 205).

No que tange ao perfil e às motivações para ingresso e permanência na prostituição, Teixeira (2011) sublinha como pontos de intersecção: todos serem jovens, oriundos de famílias desestruturadas, pobres, com baixo nível de escolaridade, sem emprego ou com trabalho mal remunerado, e anseiam prosperidade material, autonomia e ganho de dinheiro rápido, sem que haja um investimento intelectual ou financeiro extra:

A prostituição enquanto fenômeno social mostra-se envolvida por expressões histórico-culturais, que fundamentam a



comercialização do corpo dessas pessoas através da coerção, sedução ou ainda, do atendimento imediato às necessidades básicas de sobrevivência” (SOUZA NETO, 2009, p. 121).

Há uma multiplicidade de fatores que influenciam o ingresso no mercado da prostituição:

Fugitivos ou expulsos da ordem da família e do trabalho, muitos rapazes vêm-se “arrastados” à prostituição não só por extravagâncias eróticas quanto por imperativos da necessidade. Onde acaba a necessidade e começa a vontade (ou o desejo “inconsciente”) é difícil de determinar no plano psicológico individual. No “agenciamento coletivo” que se atualiza no negócio, esses tensores – afeto e interesse, acaso e cálculo – costumam mostrar-se inextrincavelmente ligados. Em todo caso, a miséria, filha da desigualdade social, é vista como desencadeante do processo de prostituição: arroja o rapaz pobre, desprotegido e desprovido de meios de subsistência às bocas vorazes dos pederastas, que o “imaginário” social veste com o vestido de cauda da luxúria e a opulência (PERLONGHER, 1987, p. 203).

Ainda nesse contexto, a autorrepresentação dos sujeitos que se prostituem pode indicar tal prática como trabalho ou ocupação provisórios. Posto ser uma atividade regular, remunerada (principal fonte de renda) e possuir organização de tempo. Embora, muitos deles apontem não conceber sua atividade como profissão, mesmo que requeira certa disciplina e um tempo de aprendizagem (desenvolver maneiras de abordagem, realização satisfatória do ato em negociação às exigências do cliente), ou seja, demanda-se

um nível de profissionalismo. Também, salienta-se o fato de que eles exercem tal atividade sob o imperativo da necessidade e não do prazer, e isso “parece ser o eixo central da organização dessa atividade e das identidades decorrentes dela” (TEIXEIRA, 2011, p. 15).

2 Intercambialidade econômico-sexual na ficção curta de Gasparino Damata

No múltiplo universo da ficção homoerótica, o conto “Paraíba” – título, cuja metonímia geográfica é carregada de forte discriminação social e cultural a migrantes nordestinos difundida por pessoas de outras regiões -, abre a coletânea de contos sob a égide da subtemática da literatura *gay* referente a busca pelo sexo clandestino em ambientes obscuros envolvendo práticas de prostituição. Na narrativa em tela, o enredo ganha corpo em um cinema pornográfico carioca. A história compreende um diálogo, que mais parece um monólogo de autodefesa do protagonista, entre dois boys de programa, ambos oriundos de uma cidade do interior pernambucano.

O protagonista da narrativa faz programas com regularidade no cinema pornô, quando se apresenta ao leitor o encontro com o seu “virtual” interlocutor, Zé Orlando; este não possui fala, apenas compõe o espaço enquanto personagem para o processo de interlocução monopolizado pelo



anônimo operário, que sobrevive com um irrisório salário e complementa a fonte de renda prestando serviços sexuais. Sua mudança para o Rio de Janeiro é decorrente da fuga moral sufocante da cidade pequena onde morava: “na nossa terra se censura tudo” e o sujeito coercitivamente precisa “ser igual a todo mundo” (DAMATA, 1975, p. 8). Segue excerto que ilustra o fato desencadeador para migração da personagem:

Foi com aquele filho mais novo do doutor Fortunato [...]. Um bem alto, moreno, que vivia de jipe para cima e para baixo e namorava tudo quanto era garota da cidade? Pois é, uma noite ele entrou no cinema e sentou ao meu lado. Quando a luz apagou e começou a sessão, ele tirou meu pau pra fora e me tocou uma punheta. No dia seguinte era só o que se comentava na cidade. Fiquei um mês sem sair de casa. Se botasse os pés na rua estava sujeito a levar uma surra. E meu velho quase perdeu o emprego lá na prefeitura (DAMATA, 1975, p. 9).

Assim, na busca pela invisibilidade da metrópole cujo anonimato se sobrepõe ao “compartilhamento provinciano da vida privada” (CARBONEL, 2012, p. 46), a personagem engrossa os casos padrão de jovens que saem de cidades muito pequenas e seguem para centros urbanos maiores como forma de se desvencilhar da vergonha, rejeição, opressão sofridas em relação à sexualidade desviante.

Nele, a mentalidade e valores da heterossexualidade compulsória são tão

petrificados que a personagem não assume uma possível bissexualidade. Ele evidencia sua pretensa e discutível identidade de gênero em expressões como “sou homem”, “Sou de mulher”, “meu caso é mulher”, embora aceite no outro, não nele, sem o peso da reprovação, a homossexualidade, “Porque o sujeito pode dar cu, fazer o que bem entender com outro, e ser um cidadão de bem. Ter sua moral” (DAMATA, 1975, p. 10).

Considerando a complexa subjetividade da personagem e seu possível mecanismo de defesa psicológico em argumentar que um dos motivos de estar nos “cinemões” deve-se ao alto custo de manter relacionamentos com mulheres, que elas geram dispêndios financeiros incapazes de serem arcados por ele. A figura feminina vista como um ser parasita do macho provedor. Podemos depreender, também, que diante de seu desejo voluntário em frequentar locais propiciadores de práticas sexuais entre homens, aventamos uma problemática no sentido de a prostituição constituir uma forma de alguns homens legitimarem um desejo homossexual latente, mesmo que inconscientemente (SOUZA NETO, 2009).

Dialogando com Ceccarelli (2008, p. 12) ao afirmar que “existem os que usam a prostituição como desculpa – isso é apenas trabalho – para viver uma relação homossexual de outra forma intolerável a



eles”. A prostituição, também, como forma de legitimação da transgressão do interdito (PERLONGHER, 1987). Vejamos o *modus operandi* realizado pelo boy de programa na história:

Faz dois anos que frequento este cinema, e nunca saí daqui sem fazer um programa, às vezes até mais de um, e sem levar uma grana no bolso. Se o cara quiser me tocar um punheta ou chupar meu pau, subo com ele lá para o segundo andar [...]. Vou sentar lá cima, nas últimas filas de cadeira. Fico quieto no meu canto, fingindo que estou vendo o filme, aí é tempo que o cidadão vem e senta ao meu lado. [...]. Passado algum tempo, olho bem para os cantos, e deixo que ele se sirva. Se quiser, faz o troço ali mesmo, se preferir, a gente vai pra hospedaria (DAMATA, 1975, pp. 10-11).

O fragmento acima, além de explicitar as performances de gênero da personagem que se permite à felação, a ausência de beijo e penetração do cliente, também aponta para a configuração de espaços fechados, reclusos, “sujos” na literatura homoerótica:

É nesse clima de “esconderijo” que as relações afetivo-sexuais das personagens gays acontecem, não porque o espaço privado seja o único adequado, no contexto ocidental, para o exercício do sexo e das sexualidades, mas porque, em se tratando de experiência gay, os “faróis” da vigilância social não podem alcançar os “suspeitos” (SILVA; FERNANDES, 2007, p. 155).

Os cinemas que exibem filmes pornográficos constituem um dos cenários que acolhem relações sexuais e jogos de desejos que de certa maneira apontam para o sujeito *gay* como uma projeção dos ambientes onde habitam seus desejos eróticos face à

discriminação, homofobia e valores heteronormativos. De maneira especular, refletem as interações homoeróticas como marcadas pela sujeira, proibição e transgressão.

Em outra narrativa do mesmo volume “Módulo lunar pouco feliz”, Damata expõe abertamente o funcionamento e dramas do mercado do sexo masculino no domínio do espaço público, a rua. A urdidura ficcional se concretiza por meio de um narrador em terceira pessoa amalgamado ao extensivo discurso indireto livre, cuja voz se faz pela incorporação de uma linguagem dominada pela coloquialidade e expressões/palavras utilizadas por sujeitos marginalizados (boys de programa) e do gueto *gay* (“tia”, “boneca”).

Convém mencionar o jovem e anônimo personagem de dezoito anos, boy de programa, cuja única lembrança afetiva positiva remete ao pai (de sua mãe quisera esquecer, posto receber dela agressões) que o mimava na infância pobre em Recife; apresenta-se orgulhoso por sua honestidade frente às tentações ilícitas mesmo em condições de vida muito adversas, ilustrando assim, sobejamente, a prostituição “desglamourizada”, contrariando o adágio popular “vida fácil”. A personagem padece de fome, abandono, humilhações em meio a um estilo de vida errante, baseado no nomadismo



(perambulações entre Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro), no gosto pela aventura, no interesse pelo imprevisível.

A respeito disso, Perlongher (1987, p. 63) denomina “pulsão nomádica”, basilar no negócio do sexo:

[...]por vezes triste, mas sempre dinâmico, um impulso de fuga. No caso dos michês, fuga da família, do trabalho, de toda a responsabilidade institucional ou ainda conjugal.

Esse nomadismo não é de caráter apenas econômico ou territorial, mas também sexual: “o sujeito passa de corpo em corpo sem se fixar, numa promiscuidade sucessiva que não recusa a orgia” (PERLONGHER, 1987, p. 204).

Em meio ao desamparo da vida, o jovem personagem mantém um “caso” com outro boy de programa: o emblemático, discreto, ultramásculo, “profissional do sexo”, Severino Gomes da Silva, popularmente conhecido como Pernambuco. Eis a descrição dele:

Sempre bem vestido e limpo, cabelo ondulado e penteado para trás, sapato no ponto, Pernambuco conservava a camisa aberta dois ou três botões, para que as bichas pudessem apreciar-lhe a peitaria larga, cabeluda, constantemente suada. Não era bonito, mas também não era feio, e tinha braços fortes, roliços, pele clara, dentes perfeitos, cheiro de macho, e lembrava um pouco Jack Palance [...]. Quando andava o material soberbo balançava de leve entre as pernas musculosas [...]. e as bichas todas se

voltavam para olhá-lo, ou paravam e faziam sinal para que se aproximasse [...]. Fazia programa quase todas as noites e contava com uma freguesia certa (sua caderneta de endereços tinha para mais de 100 telefones) entre as bichas que frequentavam determinados lugares a fim de apanhar homens e as que acostumavam receber a domicílio, que não gostavam de se expor [...]. Mas não era de fazer concessão, não beijava por dinheiro [...]. Sua especialidade sempre fora bicha, orgulhava-se de fazer qualquer bicha se sentir mulher, mais mulher do que muita mulher (DAMATA, 1975, pp. 21-22).

Conforme fica evidente pelo excerto acima, a personagem Pernambuco não vende apenas um corpo másculo, essencialmente, ele comercializa de modo simbólico uma hipermasculinidade que se coaduna ao modelo falocêntrico, representado pelo macho dominador, dotado de virilidade e potência sexual. Um homem viril, protótipo da masculinidade, que recusa autoidentificar-se como homossexual, recusa esta que encontra ressonância nos desejos e fantasias dos clientes ciosos para transarem com um “heterossexual”, “macho de verdade”.

Embora se relacione com mulheres, tem atração e predileção por garotos. A personagem é exemplar enquanto representante do “bofe” ou na contemporaneidade do “boy magia”, sonho de consumo sexual por *gays* efeminados (bicha) - estereótipo homossexual desmunhecado, afetado na voz, nos gestos, caricatura de um modo de ser mulher, reproduzido pela mídia, por exemplo. Tanto que na história alude-se a



fama do personagem Pernambuco entre as bichas, tendo em vista sua performance de macho ativo com genitália avantajada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Convém sublinhar que as práticas sexuais diferem no tempo, espaço e em cada sociedade elabora-se processos, valores e mentalidades próprios. Amalgamado a isso, cada sociedade convive, tolera, reprime ou proíbe as práticas de prostituição (masculina e feminina), de acordo com razões morais, religiosas e culturais que, por sua vez, transformam-se ao longo da história (SANTOS, 2013, p. 41).

Atualmente, pode-se encomendar um corpo-mercadoria ao perfil do cliente por meio do telefone, internet ou pessoalmente. Nesse contexto, as duas narrativas analisadas permitem investigar o cruzamento das relações possíveis entre sujeitos que vivenciam interações sexuais de forma clandestina, velada ou camuflada, cujo comportamento divergente choca-se com a conduta social hegemônica. Obrigando-os a ruptura com a "normalidade" social que impõe severos códigos de moralidade.

No conto "Paraíba" notamos a presença da marginalização imposta aos homossexuais que procuram ambientes "sujos" (no caso, cinemas pornô) como espaço que reflete sua

condição de ser transgressora. O texto em escopo nos reporta aos bloqueios, mecanismos de defesa e dificuldades de assunção da homossexualidade, mesmo a personagem voluntariamente se relacionar sexualmente com outros do mesmo. Também configurada na prática da prostituição, a narrativa "Módulo lunar pouco triste" evidencia aspectos que convergem para o plano dos desejos e fantasias de sujeitos *gays* efeminados ciosos por consumirem performances prototípicas de homens hipermásculos, mesmo postos numa heterossexualidade compulsória.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 2 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

CARBONEL, Thiago Ianez. **Homoerotismo e marginalização**: construções do universo homoafetivo masculino na literatura brasileira contemporânea. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Araraquara, Unesp, 2012.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Prostituição – corpo como mercadoria. **Mente & cérebro – Sexo**, v. 4, dez. 2008.

DAMATA, Garparino. **Os solteirões**. Rio de Janeiro: Pallas, 1975.

FARIAS, Francisco Ramos. Atividades secretas em noites sombrias: memórias do universo dos garotos de **programa**. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v. 10, n.1, p. 344-368, Jan./Jul. 2013.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

LUGARINHO, Mário César. **Nasce a literatura gay no Brasil**: reflexões para Luís Capucho. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da. (Org.). **Aspectos da literatura gay**. Joao Pessoa: Editora da UEPB, 2008.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

SANTOS, Maria de Lourdes dos. **Da batalha na calçada ao circuito do prazer**: um estudo sobre a prostituição masculina no centro de Fortaleza. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFC, 2013.

SILVEIRA, Micaela de Sá. **A representação de masculinidades em Gasparino Damata**.

Monografia de Conclusão de Curso. Campina Grande, UEPB, 2011.

SOUZA NETO, Eptacio Nunes. **Entre boys e frangos**: análise das performances de gênero de homens que se prostituem em Recife. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Recife, UFPE, 2009.

TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. Representação sobre a atividade de garotos de programa em Belo Horizonte (MG): emprego, trabalho ou profissão? In: **XI CONLAB – Congresso Luso Brasileiro de Ciências Sociais**, Salvador, Universidade Federal da Bahia, 07 a 10 de agosto de 2011.